



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**FIGURAS DE LINGUAGEM NA
RETÓRICA RUTILIANA**

Isabel Oliveira do Nascimento

Rio de Janeiro

2022

ISABEL OLIVEIRA DO NASCIMENTO

FIGURAS DE LINGUAGEM NA
RETÓRICA RUTILIANA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras na habilitação
Português/Latim.

Orientadora: Prof^ª Dr.^a Ana Thereza Basílio Vieira.

RIO DE JANEIRO

2022

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Isabel Oliveira do Nascimento

DRE: 117043311

FIGURAS DE LINGUAGEM NA

RETÓRICA RUTILIANA

Data de avaliação: 03/01/2023

Banca Examinadora:



NOTA: 10,0

Prof. Dra. Ana Thereza Basílio Vieira

Presidente da Banca Examinadora

UFRJ



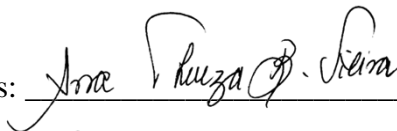
NOTA: 10,0

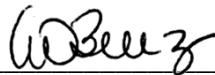
Prof. Dra. Beatriz Cristina de Paoli Correia

UFRJ

MÉDIA: 10,0

Assinatura das Avaliadoras:





AGRADECIMENTOS

Agraço primeiramente a Deus, que sempre esteve comigo e me guiou. Sem Ele jamais conseguiria realizar esse trabalho.

À minha querida mãe, Ivone Cabral, que sempre me apoiou e incentivou em relação aos estudos.

À minha grande amiga, Graziela Almeida, por estar ao meu lado desde o início da graduação, sempre me apoiando, incentivando, auxiliando e aconselhando em todos os momentos.

À minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Ana Thereza Basílio Vieira, que me orientou em minha iniciação científica e monografia, minha eterna gratidão. Muito obrigada por toda ajuda, incentivo e consideração.

CIP - Catalogação na Publicação

N244f Nascimento, Isabel Oliveira do
Figuras de Linguagem na Retórica Rutiliana /
Isabel Oliveira do Nascimento. -- Rio de Janeiro,
2022.
41 f.

Orientador: Ana Thereza Basilio Vieira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Latim,
2022.

1. Figuras de Linguagem. 2. Retórica. 3. Rutilio
Lupo. 4. Elocução. I. Vieira, Ana Thereza Basilio,
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a
responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

SUMÁRIO

1. Introdução	07
2. Origens da Retórica	09
2.1 A Retórica em Roma até os tempos de Cícero	13
2.2. A Retórica em Roma após os tempos de Cícero	17
3. O sistema retórico	20
4. <i>De figuris sententiarum et elocutionis</i>	24
4.1 Rutilio Lupo e sua época	24
4.2. Cinco exemplos rutilianos do uso das figuras.....	26
5. Considerações finais	38
6. Referências bibliográficas	40

1. Introdução

A temática do presente trabalho surgiu quando desenvolvemos a pesquisa intitulada “Tradição e inovação retórica na obra rutiliana”, apresentada na 11ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ (2022), conectada ao projeto de pesquisa “Antiguidade Clássica Latina em contextos cultural e multidisciplinar”. Ali, tínhamos como objetivo apresentar uma tradução inédita para o português das 41 figuras de linguagem presentes na composição *De figuris sententiarum et elocutionis* (Das figuras de pensamento e de elocução), de Rutilio Lupo, seguidas de estudo e análise comparativa de algumas figuras com outros retores latinos. Após a apresentação do projeto, tendo mantido um grande interesse no assunto, decidimos dar prosseguimento ao tema.

No presente trabalho observaremos o surgimento da retórica, suas primeiras modificações até chegar a Roma, assim como o funcionamento do sistema retórico através da classificação elaborada por Aristóteles. Ademais, será feita uma análise das figuras selecionadas, a saber epanalepse, paronomásia, caracterismo, antítese e parasiópsis, todas constantes da obra de Rutilio Lupo. A escolha de tais figuras se deu pela atenção que elas despertaram em nós, que consideramos seus usos bastante adequados a um discurso retórico, em qualquer de seus subgêneros. Escolhemos trabalhar com a edição Basilea, de 1599, por esta se encontrar online e, desse modo, facilitar nosso acesso à obra. Então, analisaremos como tais figuras são definidas e exemplificadas pelo autor latino, buscando, ao fim, uma equiparação de como são percebidas na modernidade em Reboul (2004) e em Perelman (*apud* Guimarães, 2004).

As figuras de linguagem analisadas se encontram na obra *De figuris sententiarum et elocutionis*, cuja autoria é questionada, podendo ser atribuída a Rutilio Lupo, Áquila Romano e Júlio Rufiniano, na edição francesa de 1909 da Biblioteca Francisco Pithon. Não nos cabe aqui discutir a respeito das divergências sobre a identidade do autor. Tendo em vista que tomamos como corpus a obra na edição de 1599, que estabelecia o nome de Rutilio Lupo como seu autor verídico, é ele que tomamos, portanto, como o inventor da obra. Decidido este entrave, aventamos a hipótese de que ele tenha vivido sob os reinados de Augusto e Tibério, lembrando que não há informações mais precisas, a não ser algumas poucas indicações de outros autores, que lhe deveriam ser contemporâneos. De acordo com algumas pesquisas modernas, Rutilio Lupo teria traduzido essa obra, inicialmente elaborada por Górgias de

Atenas, um professor de retórica grego. No entanto, consideramos que sua obra não é apenas uma tradução devido apresentar elementos que necessariamente pertenceriam à cultura latina.

Compreendendo a importância de se conhecer a evolução retórica, antes de comentarmos alguns aspectos da obra, elaboramos tópicos que apresentam as modificações mais significantes que a retórica enfrentara desde seu surgimento até a época de Aristóteles, assim como sua propagação em Roma. Desse modo, no segundo capítulo, apresentamos como a retórica surgiu, as mudanças por que passou, levando em conta a época e a visão dos autores, e as diferentes definições e aplicações que ela recebeu. Esse tópico é subdividido em duas partes. Na primeira, atemo-nos à sua utilização até a época de Cícero, observando como o autor e seus predecessores e contemporâneos a empregam. O recorte temporal se justifica porque foi exatamente no tempo de fins de República que a retórica tomou força no cenário romano, perdendo seu vigor após a morte de Cícero, tido como o maior orador romano. Na segunda parte, observamos as mudanças que a retórica sofre, relacionadas à sua atribuição e aplicação após a época de Cícero, assim como quais foram os conhecidos oradores e professores de retórica desse período. No tópico seguinte, analisamos o funcionamento do sistema retórico através da classificação elaborada por Aristóteles, com as divisões por ele estabelecidas.

Nas etapas seguintes, discorreremos sobre a obra propriamente dita e sobre seu autor, Rutilio Lupo. No momento de análise das figuras de linguagem, apresentamos inicialmente o texto latino, seguido de nossa tradução, com uma análise referente à descrição de cada uma das figuras na antiguidade, por Rutilio Lupo, e na modernidade por Reboul e Perelman. Para elucidar como as figuras são aplicadas, Rutilio utilizou possíveis exemplos de autores mais antigos, que se desenvolvem como uma narrativa. Desse modo, observaremos como o autor emprega essas figuras com cada antecessor citado. Reboul, por sua vez, apresenta as funções argumentativas, que considera mais importantes, dentre as figuras de linguagem, dividindo-as em figuras de palavra, sentido, construção e pensamento. Perelman, por sua vez, fala que essas possuem efeitos e as classifica em figuras de: presença, comunhão e caracterização.

Por fim, as considerações finais deverão fazer uma retomada de toda a pesquisa, expondo nossas ideias.

2. Origens da retórica

Costuma-se apontar o nascimento da retórica para o ano de 465 a.C., na Sicília grega. De acordo com Faria e Seabra¹, a retórica se originou como uma atribuição judiciária, para auxiliar alguns cidadãos, que almejavam retomar seus bens usurpados por um mau governante. Reboul relata que Córax, juntamente com Tísias, publicou uma “arte oratória”, onde reunia preceitos com exemplos práticos para auxiliar os cidadãos em seus pleitos, denominando a retórica como criadora de persuasão:

Certo Córax, discípulo do filósofo Empédocles, e o seu próprio discípulo, Tísias, publicaram então uma “arte oratória” (*tekhné rhetoriké*), coletânea de preceitos práticos que continha exemplos para uso das pessoas que recorressem à justiça. Ademais, Córax dá a primeira definição da retórica: ela é “criadora de persuasão. (REBOUL, 2004, p. 2).

Após esse período, por volta do ano 485 a.C., com o siciliano Górgias (487-380 a.C.), um dos precursores do discurso epidítico, surge a retórica com fins estético e literário, como uma tentativa de aprimorar o gênero, fazendo com que a prosa também se incluísse na literatura². Os gregos identificavam a literatura com a poesia e o uso da prosa era restrito à linguagem comum. Górgias, no entanto, criou uma prosa eloquente, erudita e ritmada, repleta de figuras de palavras e de sentido e pensamento, sendo muitas vezes criticado pela falta de simplicidade de seus discursos. Diversos autores gregos como Demóstenes, Tucídides e Platão aderiram à sua concepção de ter uma prosa com uma beleza semelhante àquela atribuída à poesia, suave, harmoniosa, elegante, prazerosa. Como era comum a muitos retores, Górgias visitava diversas cidades para dar lições de eloquência e filosofia, ofertando aos gregos, que recebiam apenas uma formação básica, um ensino mais aprofundado referente à cultura geral, sem fins religiosos ou profissionais.

Com Protágoras (486 – 410 a.C.), um mestre que ensinava eloquência e filosofia em locais variados, iniciou-se a associação entre a retórica e a sofística³. O autor era conhecido como o fundador da erística, a “arte de vencer uma discussão contraditória”, e preceptor de uma técnica que fazia uso de sofismas pouco confiáveis (REBOUL, 2004, p. 7). Esses eram formados por estruturas que escapavam às regras da lógica e eram produzidos por noções

¹ Introdução. In: *Retórica a Herênio*, 2005, p. 11-39.

² Podemos ressaltar que antes disso só os textos escritos em poesia eram considerados como literatura. Daí sua importância.

³ Por sofística entende-se a arte daqueles que ensinavam retórica, matemática e política, mediante pagamento. Por causa disso, os sofistas foram por longo tempo considerados até como charlatões e interesseiros, pois se distanciaram substancialmente dos Sete Sábios, os primeiros a lidarem com a retórica.

obtidas do senso comum, as quais, sistematizadas de forma equivocada, levavam a falsas conclusões. Para Protágoras a verdade não existia. Cada pessoa ou cidade possuía valores morais diferentes, segundo a cultura de cada lugar ou família. A retórica, desse modo, seria empregada como um meio que permitiria aos indivíduos expressar sua certeza, impondo suas ideias.

Para os sofistas, a Retórica era a arte do discurso persuasivo, utilizada em um ensino sistemático e global, fundamentado em uma visão de mundo. A verdade não existe e o *logos*⁴, por não possuir referente, apoia-se no sucesso, devendo convencer pela aparência de lógica e admiração do estilo. “A única ciência possível é, portanto, a do discurso, a retórica” (REBOUL, 2004, p. 9). Aos sofistas são atribuídos os elementos que enriquecem a retórica, elementos estes que podem ser observados em Aristóteles: os esboços de gramática, a disposição do discurso, o ideal de prosa ornada e erudita, a concepção da verdade não ser acordada entre os interlocutores e a insistência no *kairós* (a réplica vívida).

A partir do século V a.C. torna-se necessária uma separação entre a retórica e a sofística; separação esta que será realizada por Isócrates (436-338 a.C.), mestre de retórica. Opondo-se aos sofistas, que acreditavam na capacidade de ensinar qualquer pessoa a persuadir, Isócrates afirma que somente a prática constante e o ensino sistemático (a técnica) não podem formar um orador, sendo necessário esse possuir também uma aptidão natural. O ateniense ensinava seus alunos a partir da reflexão, e não da aprendizagem automática. Ademais, rejeitava a grandiloquência utilizada por Górgias em defesa de uma prosa “sóbria, clara, precisa, isenta de termos raros, de neologismos, de metáforas brilhantes, de ritmos marcados, mas sutilmente bela e profundamente harmoniosa” (REBOUL, 2004, p. 11).

Para o mestre, que se dizia filósofo e antissofista, o ensino literário e a formação moral estavam vinculados entre si e a retórica só deveria ser aceitável se estivesse a favor de uma causa nobre e honesta. O autor propôs, então, uma retórica que atendesse à questão da técnica judiciária, da prosa literária, da filosofia e do ensino e, por não acreditar que o homem poderia conhecer a verdade, conceituava a dialética platônica como uma inutilidade, tal qual a erística.

Platão (428 ou 427 – 348 ou 347 a.C.), por sua vez, desqualificou a Retórica, afirmando que ela só teria valor se o emprego do pensamento chegasse à verdade inteligível:

⁴ **1.** O princípio de inteligibilidade; a razão. **2.** Segundo Heráclito, o princípio supremo de unificação, portador do ritmo, da justiça e da harmonia que regem o Universo. **3.** Segundo Platão, o princípio de ordem, mediador entre o mundo sensível e o inteligível (FERREIRA, 2004, p. 1226).

De acordo, assim o reconheço, se os argumentos comuns conseguirem provar que a retórica é realmente uma arte, pois tenho ouvido algumas pessoas afirmarem o contrário, tentando provar que não é uma arte, mas sim um negócio, que nada tem a ver com a arte. Já o lacônico declarava: ‘não existe arte retórica propriamente dita sem o conhecimento da verdade, nem jamais poderá haver. (PL. *Fedro* 260e)⁵.

Desse modo, o orador, por não conhecer a verdade e por desconhecer a ciência, a dialética, a qual, segundo Platão, atribui um conhecimento seguro sobre questões éticas e políticas, não possui autoridade. O filósofo, porém, justifica a retórica que é a favor da dialética, definindo-a como um método da verdadeira filosofia. Ao terminar o *Fedro* apresenta a utilidade de um discurso, que pode se valer de invenções para torná-lo mais agradável:

Os melhores de todos os discursos escritos são os que têm por fim servir de memorandos aos que conhecem tais discursos e somente nas palavras cujo fito é a instrução, assim se gravando na alma, sobre o que é justo, belo e bom, somente nessas encontramos uma perfeição digna dos nossos esforços. Apenas estes discursos, e só estes, merecem o nome de filhos legítimos do orador, primeiro, porque ele mesmo os gerou sob a força da inspiração, segundo, porque são capazes de gerar, nas almas dos outros homens, irmãos que mostrem dignos da família de que descendem. (PL. *Fedro* 277c-278b).

Será com Aristóteles (384-322 a.C.) que a retórica receberá outra definição, com um sistema retórico que permanecerá substancialmente o mesmo por muitos séculos. Ao definir a retórica, Aristóteles argumenta:

É, pois, evidente que a retórica não pertence a nenhum gênero particular e definido, antes se assemelha à dialética. É também evidente que ela é útil e que a sua função não é persuadir mas discernir os meios de persuasão mais pertinentes a cada caso, tal como acontece em todas as outras artes; de facto, não é função da medicina dar saúde ao doente, mas avançar o mais possível na direcção da cura, pois também se pode cuidar bem dos que já não estão em condições de recuperar a saúde. (ARIST. *Ret.* I, 1355b)⁶.

Para o filósofo, a utilidade e o valor da retórica não devem ser reduzidos, ainda que esta possa ser, em algum momento, utilizada de forma desonesta. Colocando a arte no domínio do verossímil, assim como as questões judiciais e políticas, que não podem ser encontradas no mesmo campo da verdade científica, Aristóteles afirma: “Todos os oradores devem, necessariamente, servir-se, nos seus discursos, do possível e do impossível e tentar demonstrar, para uns, como serão as coisas, para outros, como foram.” (ARIST. *Ret.* II, 1391b).

A retórica, de forma dialética, era formada pelo conflito dos conceitos e pela capacidade de desempenhar o discurso, assim como por uma técnica de argumentação e uma competência na escolha dos recursos para realizá-la. O discurso persuasivo, que tinha a função de atuar nos

⁵ PLATÃO. **Fedro**. Tradução e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

⁶ ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas Manuel A. Júnior, Paulo F. Alberto e Abel N. Pena. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2005.

ouvintes através do *logos* (palavra e razão), incluía a posição que esses atribuíam ao orador (*ethos*) e a reação do público (*pathos*). Estes elementos receberão nova nomenclatura e definição dentro da retórica em Roma.

Após Aristóteles, a retórica sofre outras transformações, recebendo novas acepções, até chegar a Roma. Nosso intuito, porém, não é traçar toda a trajetória da retórica, mas mostrar como ela se origina, sofre as primeiras transformações e chega ao território itálico, acontecimento de que passaremos a tratar.

Por volta do século I a.C., os romanos, que passaram por um período de contato com a cultura helênica, na qual a retórica era uma disciplina muito valorizada e primordial, adotaram a arte retórica em Roma, inserindo-a na educação mais elevada dos cidadãos. De acordo com Cardoso (2003, p. 150), Cícero (106 a.C. - 43 a.C.), ao seguir o modelo de Platão em um de seus tratados – *Bruto* – apresenta a história da elocução latina, seguida da divulgação de uma lista dos mais evidentes oradores, dentre os quais o primeiro é Ápio Cláudio Cego que, no final do século IV a.C., era já considerado um orador notável.

Depois dele, torna-se conhecido na retórica Catão, o Censor, o qual pronunciou diversos discursos entre o século II e I a.C. e que indicou o orador, em *Ad filium libri*, como “o homem de bem que é capaz de discursar” (CARDOSO, 2003, p. 151). Mas, teria sido Galba, segundo as palavras de Cícero, um dos primeiros a usar a retórica:

sed inter hos aetate paulum his antecedens sine controversia Ser. Galba eloquentia praestitit; et nimirum is princeps ex Latinis illa oratorum propria et quasi legitima opera tractavit, ut egrederetur a proposito ornandi causa, ut delectaret animos aut permoveret, ut auget rem, ut miserationibus, ut communibus locis uteretur. (CIC. Br. 82).

Mas entre esses está à frente sem controvérsia Sêrvio Galba, que lhes antecede um pouco pela idade; e seguramente este como primeiro dos latinos empregou aqueles recursos próprios e por assim dizer legítimos dos oradores; que deleitasse os ânimos, que abalasse, que aumentasse o assunto, que usasse o patético e os pontos comuns.⁷

No entanto, foi através de Cícero que a oratória romana alcançou uma alta posição. Podemos dizer que o *De oratore* (Do orador) e *Orator* (O orador), ambos de Cícero, e *Institutiones Oratoriae* (Instituição oratória), de Quintiliano (30? - 95 d.C.), são as obras essenciais da retórica latina. Para Cícero, a expressão grega *tekhné rhetoriké* poderia ter duas acepções no latim: *ars oratoria* e *rhetorica*. Desse modo, o termo *orator* era utilizado para designar o “fazedor de discursos”, enquanto *rhetor* servia para intitular o professor de retórica

⁷ In: CÍCERO, Marco Túlio. **Brutus e a perfeição oratória**. Tradução e notas de José R. Seabra Filho. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2013, p. 99.

(CARDOSO, 2011, p. 22). Embora tenha escrito tratados de retórica, Cícero é nomeado como orador, e não retor. As definições apontadas por Aristóteles como essenciais à retórica passam a ser definidas por Cícero como *docere* (ensinar), *movere* (comover) e *delectare* (agradar) (Cf. MOSCA, 2004, p. 22).

Além de instruírem como se deve realizar um discurso, observando todos os componentes fundamentais, os tratados de retórica possuíam a função de ensinar a elaborar críticas literárias. A crítica, formada por muitos meios, sendo fragmentada entre diferentes áreas do conhecimento, tinha o papel de avaliar a qualidade de determinada obra ou autor. Não tendo uma disciplina típica para sua prática, era difundida entre a poética, a gramática, a retórica e a filosofia, podendo essas atuarem de forma conjunta. Franco esclarece que, em certo momento, a retórica colaborou com a poesia, causando uma *poetização da retórica* e uma “retorização da poesia”, assim como, com a filosofia, contribuindo para a arte dos sofistas (Cf. FRANCO, 2019, p. 29). Em sua origem, a crítica era composta por três etapas: 1) a comparação dos escritos para observar os equívocos; 2) o estudo da prosódia e da dedução, em relação às questões gramaticais; e 3) a análise da obra e seus méritos, através da comparação com os modelos, os gêneros consolidados.

Na concepção de Cícero, a eloquência é decorrente de um talento superior, um dom natural, que deve ser desenvolvido através da cultura e do ensino intenso recebido desde a infância, o qual forma os homens na chamada Paideia grega, e pelos latinos, “traduzido magnificamente por Cícero como *humanistas*, nossa cultura geral.” (REBOUL, 2004, p. 73). Para Quintiliano, que retoma sistematicamente os pensamentos de Cícero no século I d.C., a retórica é uma arte funcional com um sentido estético e moral: “*Rhetorice ars est bene dicendi, bene autem dicere scit orator*” (*Inst. Or.* II, 16, 38), ou seja, “A retórica é a arte de bem falar, mas o orador sabe falar bem”. O autor une novamente a retórica e a moral, concordando com Isócrates, ao afirmar que, ao cultivar a linguagem e a razão, a retórica é instituída como virtude humana.

2.1. A Retórica em Roma até os tempos de Cícero.

A retórica constituía uma das disciplinas da educação romana, através do correto uso da oratória, sobretudo para a aristocracia, a classe que exercia o poder, além de poder servir como crítica literária. Cícero (106-43 a.C.), que se dedicou ao estudo e à aplicação da oratória desde jovem, foi considerado o maior orador.

São do século II-I a.C. os primeiros tratados de retórica romana que chegaram até nós. É provável que o político e orador Marco Antônio (143-87 a.C.), um dos mestres de Cícero, tenha sido um dos primeiros tratadistas, que, em *De ratione dicendi* (*Sobre a razão de falar*), apresentou como o orador deveria ser instruído. Há também a obra *Rhetorica ad Herennium* (*Retórica a Herênio*), escrita entre 84 e 82 a.C., de autoria desconhecida, a qual é, por vezes, atribuída a Cornifício e, em outros momentos, a Cícero por causa do estilo de composição. Nessa é possível observar a formação da literatura latina aos moldes gregos (Cf. PARATORE, 1983, p. 181). É aplicado um vocabulário com a mesma força e peso que a notável terminologia grega, sendo também implementados exemplos de autores latinos.

Na época de Cícero, coexistiam três escolas retóricas: 1) asiática, a qual predominava na oratória romana, 2) aticista ou ática e 3) de Rodes. Para Cícero, a última possuía uma orientação fundamental, sendo uma equilibrada combinação das demais. O estilo rodiano não era empolado como o asiático, nem despojado de ornamentos como era comum ao aticismo, porém, buscava moderação na linguagem utilizada. Essas escolas não possuem diferenças somente em relação ao uso da língua, mas também em relação ao local em que surgiram. Enquanto o aticismo surge em Roma no século I a.C., o asianismo se inicia em Atenas por influência do orador Carísio, copista de Lísias, e o estilo rodiano, na cidade de Rodes.

O termo *asiaticus* foi encontrado pela primeira vez em *Brutus* (*Bruto*) e em *Orator* (*O orador*) de Cícero, sendo evidenciado pelos aticistas romanos. Esses condenavam os que procediam como os oradores helenistas, isto é, aqueles que seguiam a corrente asiática, corrompendo a linguagem ática, pura e arcaica. Hegésias foi o responsável por sistematizar os elementos asiáticos, imprimindo, na divisão do período, um estilo com componentes brilhantes e artifícios e conceitos, que posteriormente foram muito utilizados nessa corrente. Na época de Cícero, o asianismo era utilizado com ênfase nos empolamentos patéticos, que eram utilizados justamente para despertar emoções nos ouvintes, e no uso dos vocábulos poéticos.

O orador Quinto Hortêncio Hórtalo (114-50 a.C.), que iniciou a ocupação forense em 95 a.C., foi o mais conceituado seguidor do asianismo da época de Cícero. Embora fosse dono de um reconhecido estilo composto por frases elegantes e polidas, perdeu para Cícero em determinados discursos, como na defesa de Verres. Nessa causa, foi vencido no pronunciamento do primeiro discurso de Cícero. No entanto, mesmo tendo prevalecido, Cícero decidiu seguir com seus demais discursos nos quais apresentou todos os delitos de Verres.

Enquanto Hortêncio apresentava um estilo mais polido, Cícero propunha uma oratória com uso proporcional de efeitos, modificando-a de acordo com as diferentes situações. Em 81 a.C., na defesa de Quíncio a respeito de um processo de espoliação, Cícero utilizou maneirismos de linguagem e muitos ornamentos, manipulando elementos que considerava essenciais à oratória como o uso da sensibilidade e o aproveitamento das palavras à persuasão (Cf. CARDOSO, 2003, p. 152). Em seu discurso, podemos observar um etos humilde, quando menciona sua falta de prática, uma argumentação baseada em fatos credíveis, e o uso de muitos elementos retóricos e ornamentais.

A oratória de Cícero começou a ser modificada quando ele foi a Rodes aprender com Apolônio Mólón, tornando-se mais sóbria com a utilização de recursos expressivos e conceituais, que organizam o assunto a ser apresentado e facilitam a compreensão, sendo inseridas mais conexões na sintaxe da frase.

Dos diversos discursos que Cícero escreveu, cinquenta e seis foram preservados e chegaram até nós. Esses trabalhos podem ser divididos entre discursos judiciários civis e criminais e discursos políticos. No ano 70 a.C., quando Cícero auxilia a causa dos sicilianos contra Verres, um antigo propretor da Sicília, elabora um grande discurso. Enquanto no prêmio o orador busca obter a atenção do auditório, destacando a importância que a causa possui na política, no final, suplica que os deuses participem do processo auxiliando os juízes. Desse modo, fazendo uso de uma vibrante narração, estabelece sua argumentação através de diferentes meios, sejam esses mais racionais ou religiosos.

Em novembro do ano 63 a.C., Cícero pronuncia um discurso que virá ser reconhecido como uma de suas maiores composições: *In Catilinam orationes quattuor* (*Quatro discursos contra Catilina*). Dividindo-o em quatro discursos, inicia o exórdio, composto de modo *ex abrupto*, com a sentença que se tornará uma de suas frases mais famosas até os dias atuais: Até quando, Catilina, vais abusar de nossa paciência? O orador pronuncia as partes de sua obra em dias e locais distintos, apresentando o primeiro e o último discurso ao Senado e os demais, ao povo. Com sua grande produção e apresentação, obtém a condenação de Catilina, a qual leva à sua morte e à de seus apoiadores

Em seu consulado, Cícero produziu discursos que refletiam o princípio de uma maturidade oratória. Os jogos de palavras, artifícios lexicais e os efeitos patéticos ainda eram utilizados pelo orador, no entanto, sua composição era realizada de forma mais harmoniosa e moderada. O orador fazia uso de variados elementos retóricos, adaptando-os a uma diligente

argumentação, tendo, por conseguinte, uma oratória intensa e rica. Opondo-se, porém, ao purismo arcaico em relação ao vocábulo e à brevidade do pensamento, elementos que posteriormente foram sugeridos pelos aticistas (Cf. PARATORE, 1983, p. 196).

Ao compor a obra *De oratore* (*Sobre o orador*), publicada em 55 a.C. e dedicada ao seu irmão Quinto, Cícero a elabora em forma de diálogo e com um valor pragmático. O autor estabelece interlocutores que apresentam suas ideias através de elementos compactos e longos, aplicando a técnica dialógica priorizada por Aristóteles em suas composições do primeiro estilo. Seus personagens não agem de forma individual e festiva, porém, com *gravitas* e uma eventual elegância (PARATORE, 1983, p. 211). Desse modo, não observamos atitudes jocosas, humoristas e grotescas nesses interlocutores, mas sim éticas, sérias e honrosas de personagens que valorizam a reflexão. O autor também apresenta um reconhecimento dos dons naturais, da aplicação, dos estudos, assim como da reflexão e dos conhecimentos gerais, opondo-se assim à vulgarização da retórica.

Para Cícero, além de apresentar argumentos, o discurso deveria ensinar, agradar e comover – *docere, delectare, movere* –, sendo conduzido através de cinco fases, distinguidas em sua obra oratória: *invenção, disposição, memorização, elocução e ação*. Embora seus discursos orais provavelmente não sofressem grandes alterações quando passados à forma escrita, podemos dizer, conforme o testemunho do retórico Quintiliano, que apenas as partes mais importantes eram registradas, sendo as demais improvisadas.

Em sua maturidade, Cícero busca expressar o ideal da eloquência como o mais importante para cultura e como sinônimo de uma grande inteligência. Com isso, identifica-a como decorrência de um talento superior, um dom natural, e a causa, como um elemento que deve ser esclarecido por uma concepção geral, devendo o orador, desse modo, possuir um firme conhecimento filosófico, jurídico e literário. Os supracitados *Brutus* e *Orator* foram compostos por Cícero em 46 a.C., época em que o neoaticismo, que defendia uma eloquência simples, crescia e era valorizado pelos romanos. Cícero, por sua vez, era censurado por sua herança asiática, a qual lhe concedeu muitas argumentações de palavras, excesso de pequenos conceitos, entre outros elementos. No entanto, os romanos continuavam favorecendo seu neopurismo imposto na prosa latina, o qual evitava palavras e sentenças aproximadas ao *sermo vulgaris*.

Em catorze discursos intitulados *Philippicae* (*Filípicas* ou *Antonianas*), em homenagem a Demóstenes, Cícero apresenta Antônio como um inimigo da liberdade e pede

proteção para a República, demonstrando sua grande eloquência e originalidade. Seu discurso se concentrava no objetivo ao mesmo tempo que utilizava grandes efeitos, alcançando, desse modo, respeito de seus contemporâneos e seguintes.

Em um fragmento de Lívio, preservado por Sêneca, o velho, podemos encontrar um relato sobre a morte de Cícero e uma análise de sua personalidade moral e política. Segundo a descrição, o orador teve um produtivo talento e uma fama merecida, sendo credor de uma infinda memória: “... para celebrar os seus méritos, seria necessária a eloquência de um outro Cícero” (PARATORE, 1983, p. 239).

2.2. A Retórica em Roma após os tempos de Cícero.

Em 43 a.C., a sociedade romana passou por transformações intensas, com o Senado perdendo sua autoridade e o poder sendo instaurado nas mãos de um único homem, ora denominado *princeps* (o primeiro, o principal) ou *imperator* (o que comanda)⁸. As escolas de retórica convertiam a função do orador de atribuições políticas e de direito ao ensino de exercícios verbais, utilizados para manifestar o manuseio da língua em seus diversos cenários de expressão. Assim, a eloquência jurídica de época precedente foi reduzida a discursos monótonos e a peças solenes e encomiásticas, os *panegíricos* (Cf. CARDOSO, 2003, p. 158). Na segunda fase da época de Augusto, o asianismo superou o aticismo e a oratória passou a meras distrações em recintos através das *declamationes* (declamações). Na poesia, por sua vez, ocorriam as *recitationes* (recitações).

No período Júlio-Claudiano, até a época de Calígula (12 – 41 d.C.), não surgiram tratados dignos de menção. Sendo um período marcado pelo domínio de uma oratória superficial e ornamentada, os discursos tornaram-se empolados e rebuscados, com muitos efeitos justamente para encobrir o vazio do conteúdo. Nas *Suasoriae* (*Suasórias*) e *Controversiae* (*Controvérsias*) de Sêneca, o velho, ou Sêneca, o Retor (60? a.C. - 39? d.C.) podemos observar o uso de muitas figuras, efeitos patéticos e brilhantes e uma propensão à declamação.

⁸ O primeiro deles foi Caio Otávio, sobrinho de Júlio César, mais tarde denominado de Augusto, título pelo qual passou a ser conhecido. No entanto, Otávio já tinha ingressado na carreira política ainda durante a época republicana, quando, juntamente com Marco Antônio e Lépido, integrou o segundo triunvirato, instituído pelo período de cinco anos. Findo este período, teve início o período conhecido por Império ou Principado.

Quintiliano (30 d.C.? - 95d.C.) traça forte oposição à oratória do período antecedente. Ele buscou fazer a oratória retornar ao estágio inicial, útil à política, demonstrando um grande interesse por questões morais. A *Institutio oratoria* (*Instituição oratória*) foi conservada em doze livros, como dissemos anteriormente. Quintiliano apresenta os fundamentos responsáveis pela formação do orador, fundamentando-se nas ideias de Catão, de que o homem de bem deve ser exímio na arte de discursar. O livro I pode ser conceituado como um tratado pedagógico, pois ali são apresentados elementos necessários para a educação da criança, a fim de torná-lo um orador na vida adulta. O autor pensava a escola como um local apropriado para a educação, onde a criança se sociabiliza, além de propor que a leitura fosse apresentada como um jogo, primeiro apresentando as figuras em formas de letras, depois sílabas, palavras e, por último, frases com ensinamentos.

Para Quintiliano a eloquência dependia dos costumes; sem a valorização da moral e o amor à virtude, e sem o reconhecimento dos antigos atributos romanos como a prudência, a temperança, a coragem e a justiça, não seria possível haver eloquência. Em seu tempo, era comum o uso abundante de figuras, as quais, obviamente, são aplicadas pelo autor em suas composições; entretanto, seu estilo é reconhecido por ser claro e preciso. Desse modo, Quintiliano serve de inspiração para seus contemporâneos, tendo como discípulos Tácito e Plínio, o Jovem.

O historiador Tácito (56 – 117 d.C.?), presumivelmente na época do imperador Domiciano, elaborou um tratado de retórica chamado *Dialogus de oratoribus* (*Diálogo dos oradores*), dedicando-o a Fábio Justo, inspirado na obra de seu mestre e escrito à maneira dos discursos de Cícero. Ali Tácito apresenta um diálogo entre mestres de retórica e analisa o problema do declínio da oratória. Sem propor nenhuma resolução final, parece se opor à instrução literária de seu tempo, à falta de reflexão, de cultura geral e de educação dentro das famílias, além de questionar a mudança das organizações políticas e jurídicas de seu tempo.

Depois, Plínio, o Jovem (62-111 d.C.?), além de fazer seu *cursus honorum*, dedicou-se à eloquência e à epistolografia. Por tratar de elementos referentes à literatura, como a composição e a fala, versões de obras gregas para o latim ou de conhecimentos gerais, podemos inseri-lo entre os autores retóricos latinos. Supomos que sua composição *Panegyricus* (*Panegírico de Trajano*), provavelmente uma ampliação de seu discurso oral como cônsul, se trate de um discurso epidítico, onde divisamos elogios ao imperador, além de aspetos relacionados às reformas de Trajano.

O Cristianismo surge em Roma na metade do século I d.C. e encontra expressão literária a partir do fim do século II d.C. Ligados a esse pensamento, surgem autores que se dedicam à eloquência com um traço distinto: o caráter apologético e teológico. Dentre eles, contamos com Tertuliano (150? - 230 d.C.?), inicialmente produzindo obras de cunho retórico e depois se dedicando ao que podemos chamar de primórdios da literatura cristã. Dentre outros escritores com esse mesmo traço, citamos Arnóbio e Lactâncio, ambos da época de Diocleciano, autores de muitos discursos, perdidos com o passar do tempo. Dos discursos preservados, observamos *De obitu Theodosii*, *De obitu Valentiniani*, *De excessu fratris Satyri*, conhecidos como *Orações fúnebres*, de Santo Ambrósio (330-397 d.C.), e os *Sermones* (*Sermões*), de Santo Agostinho (354-430 d.C.). As primeiras possuem uma linguagem delicada, com imprecisas na língua latina por terem sido registradas, muito provavelmente, tal como foram proferidas. Nos *Sermões*, podemos notar os conhecimentos retóricos de Santo Agostinho, desejando alcançar o público, persuadindo-o à nova religião.

A partir do século IV surgem discursos com tom panegírico, com invocações aos imperadores. Dos materiais utilizados para o ensino de retórica desse período, evidenciamos a obra *De figuris sententiarum et elocutionis* (*Sobre as figuras do pensamento e da fala*), escrita possivelmente no século III, de autoria contestada, sobre a qual falaremos mais adiante.

Há ainda trabalhos compostos como livros didáticos sem datação precisa, como a *Ars rhetorica* (*Arte retórica*), de autoria de C. Júlio Victor, e as *Institutiones oratoriae* (*Instituições oratórias*), de Sulpício Victor, manuais quase que inteiramente baseados na obra de Quintiliano; os *Artis rhetoricae libri III* (*Três livros de arte retórica*), de C. Quítio Fortunaciano, igualmente utilizando as obras de Quintiliano e de Cícero; *Praecepta artis rhetoricae* (*Preceitos de arte retórica*), de Júlio Severiano, composta entre os séculos II e V, com exemplos retirados das obras ciceronianas; e um fragmento do *De rhetorica* (*Sobre a retórica*), de Santo Agostinho. Nesse período, foram compostos muitos trabalhos retóricos pedagógicos gregos, que introduziram novos métodos de estudos, como as obras de Hemógenes, Menandro de Laódices, Aftônio de Antioquia e Nicolau de Mira. No entanto, os livros didáticos sobre a literatura latina não apresentaram nenhum vestígio desses materiais (Cf. KENNEY; CLAUSEN, 1989, p. 816). Sendo assim, pressupomos que as obras dessa época não foram influenciadas pelas composições gregas.

3. O Sistema Retórico

Para compreender como é o sistema retórico, observaremos a classificação desenvolvida por Aristóteles, que divide a retórica em quatro partes: invenção, disposição, elocução e ação. Essas indicam as fases pelas quais o discurso deve passar ao ser elaborado. Posteriormente, em Roma, mais uma etapa lhe foi adicionada: a memória.

A primeira fase, a invenção, é a etapa em que o orador busca reunir argumentos, provas e outros meios de persuasão. Em seguida, temos a disposição, onde se procede à elaboração e ordenação do discurso, por sua vez, composta de quatro partes: exórdio, narração, confirmação e peroração.

O exórdio é o componente pelo qual o discurso é iniciado, tendo a função de captar a atenção do auditório, torná-lo apto a aprender e benevolente à causa do orador. Para que isso ocorra, o orador deve assumir o etos que julgar necessário, convencendo o auditório de sua sinceridade. A narração é a parte em que o orador expõe os fatos de forma objetiva, sendo empregada de acordo com a necessidade de o orador acusar ou defender. Nessa etapa, as palavras devem ser claras, breves e credíveis. A confirmação é o segmento seguinte, que apresenta o conjunto de provas, podendo ser seguida pela refutação. A narração e a confirmação não precisam ser realizadas sucessivamente, mas executadas. Há ainda a digressão, onde o orador torna o auditório atento, raivoso, contente, segundo a necessidade, podendo aparecer em qualquer parte do discurso, mas preferencialmente entre a confirmação e a peroração. A última parte da disposição é a peroração, dividida em diversas partes, dentre as quais Reboul (2004, p. 59) destaca como principais: a amplificação, a paixão e a recapitulação. A primeira mostrará a importância de se realizar alguma ação como culpar ou inocentar o réu; a paixão servirá para apiedar ou indignar o auditório e a recapitulação, para resumir a argumentação.

A terceira fase na elaboração de um discurso é a elocução, a redação e a escolha do estilo do discurso. Aqui observamos a clareza, a concisão, a adequação, entre outras qualidades estabelecidas pela retórica antiga. Na elaboração, considerava-se as diferentes categorias de estilo, alteradas conforme o assunto. Desse modo, havia três gêneros de estilos diferenciados pelos oradores em Roma: 1) o nobre (*grave*), 2) o simples (*tenue*) e 3) o ameno (*medium*). O primeiro era utilizado para comover, usado sobretudo na peroração, associado ao patos, remetendo ao estilo asiático, portanto, com o uso frequente de figuras para adorno. O segundo estilo servia para explicar, comumente usado na narração e na confirmação, associado ao logos,

sendo breve e simples, equivalente ao estilo ático. O último, aplicado para agradar, sobretudo no exórdio e na digressão, era vinculado ao etos, associado ao estilo de Rodes.

Além de possuir clareza na elocução, o estilo deveria ser adaptado a cada auditório e evitar o uso de elementos que poderiam causar ambiguidade. O orador precisaria se portar de forma vívida, evitando expressões que provocassem a redundância ou a abstração, a fim de não confundirem os ouvintes, principalmente aqueles alheios aos temas tratados. O orador ainda estava livre para usar o estilo que desejasse, desde que pudesse persuadir seu auditório e lhe propor alguma notícia nova e interessante. No século XVIII, as figuras de linguagens se tornaram as responsáveis por dar vivacidade ao discurso do orador (Cf. REBOUL, 2004, p. 64).

A ação, a quarta parte, é a realização do discurso em si. Nesta divisamos o correto uso da oralização, gesticulação, entonação, timbre, pausa e ritmo. Em grego, a ação é denominada pelo vocábulo *hypocrisis*, sugerindo-nos que o orador finge possuir certos sentimentos para captar a atenção do público (Cf. REBOUL, 2004, p. 67). Desse modo, ao se adequar ao público, convence-o não somente com raciocínios, mas também com as emoções que desperta e parece possuir. Por fim temos a memória, que é a arte de memorizar o discurso. Essa etapa permite um melhor uso do discurso com improvisação. Quintiliano e Cícero a consideravam como a quinta parte da retórica, pensando-a aquele como um dom ou uma técnica a ser aprendida, e este como um talento natural.

Os gêneros do discurso eram divididos em três gêneros oratórios: judiciário ou forense, deliberativo ou político, e epidítico. Esses poderiam ser formados pelos *topoi*, os lugares-comuns, isto é, o pensamento comum a uma cultura que poderia ser usado em todos os discursos, e por lugares próprios a cada indivíduo, *eidós* (Cf. MOSCA, 2004, p. 31). Lembramos que a retórica pode ser utilizada em outros gêneros, mesclada à épica, à comédia, à poesia didática, por exemplo.

Já o gênero judiciário é utilizado para acusar ou defender, sendo empregado o valor moral do justo e do injusto. Seu expectador é o tribunal, ao qual se dirige utilizando o tempo passado, justamente para melhor elucidar os fatos ocorridos, tornando-os uma espécie de narrativa. O réu será julgado pelas ações passadas, assim como o inocente será liberado após a comprovação de que não cometera nenhum crime. Desse modo, a averiguação do passado torna-se fundamental nesse tipo de discurso.

O discurso deliberativo, por sua vez, tem por ouvinte a assembleia, com o intuito de aconselhar e desaconselhar em assuntos relativos à cidade, tais como guerras, impostos, legislações, entre outros temas. O valor utilizado será o do útil e nocivo, aludindo ao futuro para motivar planos e resoluções. Utiliza-se o tempo futuro para projetar como a cidade seria caso adotasse ou não determinada medida, proporcionando melhor visibilidade na mente do ouvinte.

A audiência do gênero epidítico será os que ouvem discursos cerimoniais, utilizando o orador seu discurso para censurar ou louvar homens, cidades ou mesmo lendas, observando os valores do nobre e do vil. Embora possa utilizar argumentos referentes ao passado ou ao futuro, esse gênero é marcado pelo presente, o que o torna mais próximo dos ouvintes.

Quanto à argumentação, ela se modificada a cada tipo de discurso. No judiciário são usados como argumento-tipo, preferencialmente, os raciocínios silogísticos ou entimemas, para elucidar a causa. No deliberativo, que se encaminha a um público mais instável e menos culto, são usados os exemplos. O epidítico, por sua vez, faz uso da amplificação para demonstrar a importância dos fatos conhecidos pelos expectadores.

Aristóteles apresenta três elementos que o orador utiliza em sua argumentação: o etos, o patos e o logos. O etos se refere ao traço moral assumido pelo locutor para conquistar a confiança dos expectadores, podendo ser alterado a depender do público que o ouve. Reboul (2004, p. 48) afirma que embora possa modificar seus aspectos, o orador deve sempre se manifestar de forma sensata para aconselhar; sincera, para não ocultar o que sabe ou sente; e de forma simpática para auxiliar o auditório.

O patos possui um núcleo afetivo, composto de emoções que o orador desperta em seus ouvintes conforme sua intenção. Podemos dizer que o locutor acaba assumindo, de certa forma, um caráter psicológico, ao se adaptar aos diferentes públicos. Quintiliano nos informa que enquanto o etos é formado por uma afetividade calma, durável e controlada, o patos é composto por afetos repentinos, violentos, imparáveis e insensatos. O último componente mencionado é o logos, o qual possui um caráter racional, sendo atribuído à argumentação do discurso.

As provas empregadas pelo orador são subdivididas em extrínsecas e intrínsecas. As primeiras preexistem à invenção, podendo ser constituídas por testemunhas, confissões, cartas, testamentos, entre outros meios. A prova intrínseca, por outro lado, é a forma como o orador

conduz seu relato, sendo uma ampliação construída pelo próprio orador que se beneficia das provas extrínsecas, dependendo do método e do talento do enunciador para se tornar eficaz.

As figuras são artifícios que possibilitam a comunicação de modo codificado, porém, com uma estrutura que pode ser conhecida e transmitida. Alguns autores, no entanto, as vêem como um tipo de desvio, sendo o tropo ou a figura de estilo estabelecidos como uma alteração atípica que se faz em relação ao sentido literal. Entendimento esse observado em Aristóteles e Quintiliano (REBOUL, 2004, p. 65). Vale ressaltar que a figura só é considerada como retórica quando possui um papel persuasivo. Desse modo, as figuras de retórica possuem uma ornamentação e beleza que são empregadas para auxiliar a argumentação.

Reboul (2004, p. 114) nos fala que nas diferentes teorias modernas, podemos observar análises distintas relacionadas a essas figuras. Ao apresentar as principais funções argumentativas das figuras de retórica, o autor afirma que elas atribuem um prazer derivado do patos, classificando-as em figuras de: palavra, sentido, construção e pensamento (REBOUL, 2004, p. 114). Perelman, não inserindo as figuras em gêneros, mas exemplificando os efeitos que podem atribuir, categoriza-as em figuras de: presença, comunhão e caracterização (GUIMARÃES, 2004, p. 153). Mais adiante, analisaremos algumas figuras encontradas na obra de Rutilio Lupo, observando como são definidas e utilizadas na antiguidade pelo autor, e na modernidade por essas teorias.

4. De figuris sententiarum et elocutionis.

A obra *De figuris sententiarum et elocutionis* (Das Figuras de Pensamento e de Elocução) é uma composição que descreve e exemplifica como as figuras de linguagens podem ser usadas em uma composição literaria latina. Há três autores aos quais essa obra é atribuída segundo a edição francesa de 1909, da Biblioteca Francisco Pithon: Rútílio Lupo, Áquila Romano⁹ e Júlio Rufiniano¹⁰. Entretanto, na Enciclopédia Italiana de Ciências, Letras e Artes (Treccani, 1934), a obra é designada como *Schemata dianoemas* (Figuras de Pensamento), título esse conferido por Marco Galdi à obra que ora analisamos.

Alguns estudos modernos apontam que essa composição é uma tradução de Rútílio Lupo para o latim de uma obra de Górgias de Atenas sobre figuras de linguagens. Se considerarmos esta hipótese como verdadeira, o autor teria traduzido quatro dos livros de seu antecessor em um único volume, dividido em 2 tomos. Todavia, depois de vários estudos, leituras de textos de outros autores antigos e comparações, podemos perceber que a obra de Rútílio nos chegou incompleta: muito provavelmente a sua obra compreenderia cinco tomos e não apenas os dois atuais.

O autor faz uso de nomes e exemplos gregos, porém, sua obra não é mera tradução da obra grega, pois os comentadores justificam que os livros perdidos apresentavam elementos próprios à cultura latina em oposição aos elementos gregos, conforme os poucos testemunhos que temos de autores como o de Quintiliano (30 d.C.? - 95d.C.), por exemplo. Podemos dizer que Rútílio Lupo retoma e inova essa obra, inserindo elementos próprios à cultura latina, que não poderiam ter sido elaborados por Górgias de Atenas.

4.1 Rútílio Lupo e sua época.

Temos poucas informações sobre Rútílio Lupo, não tendo referências precisas como data de nascimento, morte ou época de composição de sua obra. Geralmente ele é confundido com um antepassado homônimo, que fora cônsul¹¹. Compreendemos, porém, que Rútílio pode

⁹ Gramático romano do século III d.C., autor de um tratado homônimo, que teve em Demóstenes e Cícero seus exemplos maiores.

¹⁰ Autor que supostamente escreveu sobre os retores antigos, cujos dados foram perdidos.

¹¹ Públio Rútílio Lupo foi um cônsul de época republicana, em 90 a.C., na época da Guerra Social. Seu desempenho militar foi crucial durante o confronto com os povos rebeldes, tendo ele morrido em combate neste mesmo ano.

ter vivido no tempo final do reinado de Augusto e sob o império de Tibério, se levarmos em conta comentários feitos a ele e sobre outros autores dessa época.

O tempo do império de Tibério não é conhecido como de grande desenvolvimento da literatura latina, pois havia forte oposição a qualquer escrito que pudesse ser interpretado como uma crítica ao imperador. Desse modo, quando suspeitava que uma obra poderia ter algum conteúdo político encoberto ou alguma depreciação social, Tibério punia os autores com duras sanções e até mesmo com a morte.

Rutílio Lupo compôs uma obra sobre figuras de linguagem, em forma de compêndio, fundamentada em um tratado de Górgias de Atenas, seguidor do asianismo¹². Ettore Paratore, em seu capítulo acerca dos autores menores da Dinastia Júlio-Cláudia, nos diz: “Entre os oradores, recordamos, no tempo de Tibério, Vocieno Montano, morto exilado nas Baleares, em 27; no tempo de Cláudio e de Nero, Domício Afro [...]; P. Rutílio Lupo, de quem nos foram transmitidos dois livros *Schémata léxeos*, parte duma obra maior.” (PARATORE, 1983, p. 672).

Quintiliano, na *Institutio Oratoria* (Instituição Oratória), cita Rutílio algumas vezes no livro IX, ao comentar o uso de algumas figuras de pensamento. Em geral, há uma comparação entre o que Rutílio e outro autor apresentam como definição de determinada figura, sugerindo, assim, que Rutílio era usado como parâmetro para o estudo desse recurso literário. Assim, Quintiliano nos apresenta o autor:

Praeter illa uero, quae Cicero inter lumina posuit sententiarum, multa alia et idem Rutilius Gorgian secutus, non illum Leontinum, sed alium sui temporis, cuius quattuor libros in unum suum transtulit, et Celsus, uidelicet Rutilio accedens, posuerunt schemata... (QUINT. *Inst. Or.* IX, 2, 102).

Todavia, além das que Cícero colocou quais ornamentos do pensamento, muitas outras figuras foram colocadas ainda por Rutílio, seguidor de Górgias, não o Leontino, mas de outro Górgias¹³, contemporâneo seu, que traduziu em um só volume os quatro livros dele, e Celso, claramente concordando com Rutílio...¹⁴

De acordo com Quintiliano, Rutílio foi um dos autores que dedicou livros inteiros a figuras de linguagens, não se impondo limites na criação de figuras. Desse modo, Rutílio cita

¹² O asianismo ou estilo asiático, que se sustentava com a superficialidade e empolamento do discurso retórico. Surgiu no século III a.C., gerando alguns poucos adeptos deste estilo.

¹³ Górgias, conhecido professor de retórica, de Atenas, que foi retor do filho de Cícero (*Fam.* 16, 21, 6). O Górgias de Leôncio, por isso dito “Leontino”, foi orador e sofista.

¹⁴ Tradução de Bruno F. Bassetto. In: QUINTILIANO, 2016.

figuras, que são desconsideradas por Quintiliano, além das que são encontradas em outros autores.

Podemos observar ainda Quintiliano citando Rutílio em IX, 2, 101 (sobre a antítese, em Rutílio, Celso e Visélio); IX, 2, 106 (sobre várias figuras, em Rutílio e Górgias); IX, 3, 36 (sobre sentenças); IX, 3, 84 (sobre a antítese); IX, 3, 89 (sobre a personificação em vários autores); IX, 3, 91 (sobre várias figuras) e IX, 3, 99 (também sobre várias figuras).

4.2. As figuras de linguagem

Passamos agora a apresentar algumas figuras selecionadas da obra de Rutílio Lupo em texto original latino, seguido por nossa proposta de tradução, com uma análise a respeito das interpretações antigas e modernas sobre cada uma delas. Assim sendo, elegemos para objeto de estudo a epanalepse, a paronomásia, o caracterismos, a antítese e a parasiópsis.

4.2.1. Epanalepse

Hoc schema fieri solet, cum id quod dictum semel est, quo gravius sit, iteratur. Id interdum fit uno verbo, interdum plurium verborum coniunctione. Verbum sic iteratur.

Pythaeae: Quid contra tot res tamque evidentes dicere potes, Demosthenes? Cognitum enim est, rem publicam venalem habuisse, cognitum est.

Item Hegesiae: Sed instigabat multitudinis animum ad bellum inferendum concitatus iracundia furor: furor, inquam, non ratio, sine qua nihil unquam populus ex sententia gessit.

Sed plurium verborum iteratio est eiusmodi: At ego in his aerumnis amicis sum spoliatus omnibus; (amicis, inquam, spoliatus sum omnibus), iudices; qui non quod me odissent, sed quod inimicorum factionem pertimescunt, me in malis deseruerunt. (I, 11)

Tradução:

Esta figura costuma ocorrer de modo que se repita o que é dito uma vez, para que seja dito de forma mais enfática. Isso as vezes é criado por uma palavra, outras vezes pela união de várias palavras. Assim se repete a palavra.

Pítias: O que tu podes dizer contra tamanhas e tão evidentes coisas, Demóstenes? Pois, soube-se que a República teve corrupto, soube-se.

Do mesmo modo Hegésias: Mas o furor, incitado pela indignação, instigava o ânimo da multidão a fazer guerra: o furor, afirmo, não a razão, sem a qual nenhum povo jamais praticou por desígnio.

Mas a reiteração de várias palavras ocorre desse modo: Porém, nesses sofrimentos, eu me privei de todos os amigos (de todos os amigos, afirmo, me privei), juízes; os quais, não porque me odiassem, mas porque receiam muito a facção dos inimigos, abandonaram-me na calamidade.

Ao discorrer sobre a Epanalepse, Rutílio Lupo afirma que esta é utilizada quando se repete determinado elemento, a fim de destacá-lo, podendo ocorrer também através da repetição de vários componentes. O autor apresenta três exemplos para elucidar a figura.

No primeiro, Pítias, um navegador e geógrafo que teria acompanhado Alexandre em suas viagens¹⁵, repete apenas um elemento, o particípio passado *cognitum est* (soube-se). Afirmando que não se pode questionar a evidência de que a República teve mercenários, o interlocutor repete o verbo “soube-se” para enfatizar que não há como negar tal fato, uma vez que, todos já o conhecem.

No segundo exemplo, de Hegesias, retórico e historiador grego do século IV a.C.¹⁶, repete a palavra *furor* (o furor). Em sua narrativa, onde relata que o furor incentivado pela ira levava o povo a desejar uma guerra, o vocábulo é repetido para ressaltar que a guerra iria ser causada pelo mesmo e não pela razão, a qual seria mais relevante na causa de uma batalha. A terceira exemplificação não apresenta um autor, mas afirma que o exemplo se refere ao uso de várias palavras. Desse modo, apresenta-o com a repetição da sentença *amicis sum spoliatus omnibus* (eu me privei de todos os amigos) para que seja visível que, de fato, o interlocutor não possui nenhum amigo, e assim reforçar sua narrativa.

Ao apresentar a Epanalepse, Reboul (2004, p. 126) a situa no grupo das Figuras de construção, que se referem à elaboração da frase ou do discurso e podem ocorrer através da

¹⁵ Conta-se que o historiador Estrabão desconfiou de seus relatos, relegando-os ao esquecimento. No entanto, as informações estavam corretas, mas, infelizmente, sua obra se perdeu.

¹⁶ Estrabão o teria considerado como o criador do estilo asiático.

subtração, repetição ou permutação. A figura é enquadrada no grupo das figuras de repetição do tipo mais simples, que propõe uma questão de correção e de utilidade. A troca de um termo que se repete por um sinônimo nem sempre será possível, pois pode alterar a mensagem que se deseja transmitir, tornando-a menos crível ou impactante. Assim, a repetição se torna útil quando sua ausência muda o sentido que se espera atribuir à frase. Essa figura também possui relação com o *patos*. Ao fazer uso da repetição, enfatizando-se determinado elemento em um discurso para animar um auditório, por exemplo, são despertadas no público as emoções que o interlocutor deseja, tornando possível a adoção da causa pelos ouvintes.

Perelman¹⁷ inclui a Epanalepse no grupo das Figuras de presença, as quais ressaltam a presença de um objeto do discurso na mente do interlocutor e do ouvinte. A repetição é um elemento vinculado às mais simples dessas figuras e atua não só como um artifício estilístico, mas como um mecanismo argumentativo. Desse modo, ao repetir determinado vocábulo, conseguimos tornar o discurso mais belo e ao mesmo tempo, através do destaque atribuído à certa palavra, mais persuasivo. Ademais, as figuras de presença possuem a capacidade de propor distinções, como ocorre nas sentenças: ““Uma criança é uma criança”, tomando-se aqui o mesmo termo para significar a pessoa e o comportamento, ou a coisa e suas propriedades.” (GUIMARÃES, 2004, 156). A autora prossegue com um segundo exemplo: “Um pai é sempre um pai”. Na primeira frase, repete-se a palavra criança para caracterizar o comportamento e as características das pessoas pertencentes a essa faixa etária. Esse termo carrega consigo um conjunto de propriedades conhecidas em determinada cultura. Desse modo, ao ser utilizado, age como um representante desses atributos. Na segunda sentença, o substantivo pai é adjetivado, evidenciando uma *silepse oratória*, onde um termo é apresentado em seu sentido literal e o outro no sentido figurado. A palavra pai se torna um adjetivo, trazendo à nossa mente todas as características pertencentes à figura paterna.

4.2.2. Paronomásia

Hoc, aut addenda, aut demenda, aut mutanda, aut porrigenda, aut contrahenda littera, aut syllaba fieri consuevit.

Id est huius modi: Non enim decet hominem genere nobilem, (ingenio mobilem) videri. Nam cum omnibus hominibus, tum maxime maximo cuique inconstantia turpitudini est.

¹⁷ Apud GUIMARÃES, 2004, p. 154.

Item: At huius sceleratissimi opera, qui fuit lucus religiosissimus, [nunc est locus desertissimus]: nimirum quoniam traditam sibi publicorum custodiam sacrorum non honori sed oneri esse existimavit. (I, 3)

Tradução:

Isto habituou-se a ocorrer, devendo a letra ou a sílaba ser adicionada ou removida, trocada ou mantida.

Isto ocorre desta forma: não convém, pois, um homem parecer nobre de família (mutável de índole). Pois, com todos os homens, então, sobretudo a cada indivíduo mais poderoso, a inconstância serve à desonra.

Do mesmo modo: Porém, a atividade desse maior criminoso, como foi um bosque sagrado muito venerado, [agora é um local muito deserto]: certamente, porque julgou que a conservação dos ritos públicos lhe foi entregue não para sua honra, mas para seu fardo.

A Paronomásia ocorre quando são utilizadas palavras com sons parecidos ou iguais. Quando discorre sobre essa figura, Rútílio apresenta dois exemplos anônimos. No primeiro, podemos observar o uso de duas palavras semelhantes *nobilem* (nobre) e *mobilem* (inconstante), assim como *omnibus* (todos) e *hominibus* (homens), e *maxime* (sobretudo) e *maximo* (mais poderoso). Na sua segunda exemplificação, apresenta as palavras *lucus* (bosque sagrado) e *locus* (local), *reliogissimus* (muito venerado) e *desertissimus* (muito deserto), e *honor* (honra) e *oneri* (fardo).

Nesses exemplos, apesar das modificações de letras ou sílabas, as palavras continuam parecidas esteticamente. Essa semelhança leva os ouvintes a refletirem e ficarem mais atentos ao que é dito, caso desejem compreender e aguardar os próximos efeitos nas frases. Observamos também, que ao fazer uso de tais vocábulos em sua narrativa, o autor os relata de forma antagônica, possivelmente para que sejam mais evidenciados, causando um maior efeito.

Para Reboul, a Paronomásia é inserida no grupo das Figuras de palavras, as quais são destinadas à poesia ou ao humorismo, podendo também ocupar uma função argumentativa (Cf. REBOUL, 2004, p. 115). Essas são intraduzíveis. Desse modo, caso tenham sua estrutura alterada com uma mudança sonora, perdem seu efeito. As Figuras de palavras, por sua vez, são

divididas em Figuras de ritmo e Figuras de som. A paronomásia é incluída no último grupo, ao qual compreendem os fonemas, as sílabas e as palavras. Situada no grupo das sílabas, a figura é exemplificada pelo autor com as palavras italianas: *traduttore, traditore* (tradutor, traidor)¹⁸. Embora distintos, os vocábulos apresentam certa semelhança, a qual se perde em parte quando as palavras são traduzidas para a língua portuguesa. Ademais, a paronomásia também pode ocorrer através da rima no final das palavras: “*Valéry au tri, Anémone au téléphone* [Valéry na triagem, Anémone no telefone] (slogan dos carteiros em greve, em 1975, que brinca com o nome do presidente francês e de sua esposa).” (REBOUL, 2004, p. 117). No exemplo de língua francesa, podemos observar uma rima sonora no final das palavras, estabelecida entre os vocábulos *Valéry* e *tri*, e entre *Anémone* e *téléphone*, a qual novamente é perdida quando traduzida ou oralizada em língua portuguesa.

4.2.3. Caracterismo

Quem ad modum pictor coloribus figuras describit, sic orator hoc schemate aut vitia aut virtutes eorum, de quibus loquitur, deformat.

Lyconis: Quid in hoc arbitrer bonae spei reliquum residere, qui omne vitae tempus una ac desperatissima consuetudine producit? Nam simul atque ex prioris diei nimia cibi ac vini satietate, vix meridiano tempore, plenus crapula est experrectus, primum oculis mero madidis humore obcaecatis, visco gravidis, lucem constanter intueri non potest; deinde confectis viribus, utpote cuius venae non sanguine sed vino sunt repletae, se ipse erigere non valet. Tandem duobus innixus, languidus, qui cubando sit defatigatus, tunicatus, sine pallio, soleatus, (praeligato) palliolo frigus a capite defendens, flexa cervice, summissis genibus, colore exsanguis, protinus ex cubiculari lectulo excitatus in triclinium trahitur. Ibi praesto sunt quotidiani pauci eodem studio excitati convivae. Hic vero princeps paulum illud, reliquum quod habet, menti ac sensu poculis extrudere festinat; bibendo provocat, lacessit, sicuti hostium proelio quam plurimos superarit atque adflixerit, amplissimam sibi victoriam partam existimans. Interea procedit simul et illud tempus et potatio oculi vinum lacrimantes caligant, ebrii se ipsi vix cognoscunt. Alius sine causa iurgio proximum lacessit; alius somno deditus vi cogitur vigilare; alius rixari parat. Alium turbas vitantem ac domum reverti cupientem retinet ianitor, pulsat, exire prohibet, domini interdictum demonstrans. Interea alium contumeliose

¹⁸ REBOUL, 2004, p. 117.

extra ianuam eiectum vacillantem puer sustentat ac ducit pallium per lutum trahentem. Novissime solus in triclinio relictus, non prius poculum ex manibus emittit, quam somnus oppressit bibentem, ac dissolutis artubus ipsum poculum suapte natura dormienti excidit. (II, 7)

Tradução:

Do mesmo modo como o pintor descreve as imagens pelas cores, assim, nessa figura, o orador deforma ou as falhas ou as virtudes destes, sobre os quais fala.

Lícon: Eu julgaria que resta algo de boa esperança neste que durante todo o tempo de vida vive segundo um único e desesperadíssimo costume? Pois, pela excessiva abundância de vinho e comida do dia anterior, logo que despertou com dificuldade quase ao meio dia, cheio da bebedeira, com os olhos embriagados de puro vinho, turvos de líquido, carregados de visco, ele não consegue olhar fixamente a luz. Depois, com as forças acabadas, suas veias são reabastecidas não de sangue, mas de vinho. Ele próprio não tem forças para ficar de pé. Finalmente, apoiado em duas pessoas, o qual, ao se deitar, fica esgotado, vestindo uma túnica, sem manta, calçando uma sandália, afastando o frio de sua cabeça com uma mantilha, de cabeça inclinada, joelhos curvados, de cor pálida. Logo depois, levado do pequeno leito do quarto é carregado para o triclínio. Nesse lugar, à disposição, são poucos os convidados cotidianos estimulados pela mesma inclinação. Aqui, na verdade, o chefe se apressa para afastar dos copos, com o sabedoria e razão, aquele pouco que resta; bebendo provoca e irrita, como se tivesse se lançado em batalha e vencido um grande número de inimigos, estimando ter adquirido para si a maior vitória. Durante esse tempo, simultaneamente, aumenta a bebedeira e os olhos, que choram, escurecem pelo vinho. Eles mesmos, embriagados, se reconhecem com dificuldade. Um irrita o próximo sem motivo de queixa; o outro, entregue ao sono, se esforça para ficar acordado, e o outro ainda se prepara para discutir. O porteiro detém o aquele que evita multidões e que deseja retornar para casa, bate e lhe impede de sair, mostrando a proibição de seu senhor. Neste meio tempo, a outro que hesita, injuriosamente lançado porta fora, um menino lhe segura e carrega seu manto, arrastando-o pela lama. Por último, deixado sozinho no triclínio, o bêbado não largou o copo de suas mãos, antes de o sono lhe surpreender e de o próprio copo se afastar daquele que dorme por sua própria vontade, com os membros enfraquecidos.

A figura caracterismo, também denominada de etopeia, é exemplificada por Rutilo Lupo através de uma passagem descritiva retirada de um texto do filósofo peripatético Lícon, retratada como uma descrição dos vícios e virtudes de personagens com seus comportamentos mais característicos, algo feito por meio do uso de adjetivos que qualificam sua natureza. Logo, a descrição dos traços e do comportamento vicioso desses personagens é feita de forma detalhada, construindo, assim, um efeito de imediatismo visual.

No exemplo apresentado, desenvolvem-se os traços mais peculiares e característicos de um determinado tipo humano: os atributos de um bêbado. Ao longo do tempo, o caracterismo foi apresentado como uma descrição física, sendo acrescido, em tempo futuro, também o sentido de retrato tipológico, o qual se refere a um tipo específico de personagem. No exemplo de Licão, podemos observar uma descrição referente a um personagem que possui um determinado perfil, um retrato tipológico, algo comumente usado nas comédias latinas, em que os personagens eram construídos a partir da tipificação de alguma profissão, atitude ou comportamento com a função de provocar o riso.

Ao falar sobre os efeitos que as figuras podem causar, Perelman¹⁹ apresenta as figuras de caracterização, as quais podem instituir ou propor uma tipificação, como no caso do caracterismo. Essa figura, no entanto, também pode ser considerada como uma figura de presença, uma vez que, ao descrever detalhadamente um personagem, traz à mente do falante e do ouvinte a sensação de presença do objeto.

4.2.4. Antítese

Hoc pluribus modis fieri solet et habet in omni genere orationis summam utilitatem. Quare separatim demonstrandum est de uno quoque genere eius. Unum est, cum contrariae res inter se conferuntur.

Charisii: Alter eorum erat in dando benignus, alter erat in accipiendo astutus. Hunc omnes conquirebant ne ab eo viderentur. Huius enim pudor erat omnibus, illius autem impudentia ipsi suavis, ceteris amara.

Hoc idem fieri potest in una persona, ita uti fecit Dinarchus, cum ipse de se diceret: Olim in adolescentia sedulo omnem gloriam sectabar: at nunc in senectute summum me

¹⁹ Apud GUIMARÃES, 2004.

ambitionum invasit odium. Tunc facile multis opitulabar: nunc iam me ipsum tueri vix possum. Tunc mihi beatissimus videbar, si quam plurimis benigne fecissem: nunc contra vereor ne quid mihi desit ad necessarium aetatis meae cultum. Tunc ego ipse pro re publica fortiter arma capiebam; nunc praeter quam laudare eos qui rem publicam armati defendunt nihil valeo.

Est autem (aliud) genus huius, quod in eadem sententia priori verbo contrarium quod est, infert, et coniungi solet.

Isidori: Non ille stultitia aut furore impulsus tam graves labores frustra subibat, sed ex acerbitate laboris iucundos voluptatis fructus sibi parabat.

Aliud est, item quod superiori infertur, sed consequenter, ita uti fecit Demetrius Phalereus: Nobis primum dii immortales fruges dederunt; nos, quod soli accepimus, per omnes terras distribuimus. Nobis maiores nostri rem publicam reliquerunt; nos etiam socios nostros de servitute eripuimus. Itaque et amplissimus nobis honos ab omnibus habetur, et propter huius[modi] honoris dignitatem (superbiae nostrae) ne vestigium reperitur. (II, 16)

Tradução:

Esta figura costuma ocorrer de várias formas e tem utilidade principal em todo tipo de oração. Por isso também se deve demonstrar separadamente de seu gênero. Um gênero ocorre quando questões contrárias são comparadas entre si.

Carísio: Um deles era benévolo em doar, o outro era astuto em receber. Todos o requisitavam serem vistos por ele. Pois a modéstia dele era para todos; no entanto, a imprudência daquele era agradável ao próprio, mas para os restantes era desagradável.

Esta figura pode ocorrer do mesmo modo com uma pessoa, assim como Dinarco fez quando falou a respeito de si próprio: Uma vez na adolescência perseguia com zelo a toda glória. Porém, agora na velhice, invadiu-me um supremo ódio às ambições. Naquele momento, eu facilmente socorria a muitos. Agora a custo posso sustentar a mim mesmo. Naquele tempo, parecia-me ser o mais afortunado, como se tivesse agido de forma bondosa para com várias pessoas. Agora, ao contrário, respeito àquilo que falta a mim para o cultivo necessário do meu tempo de vida. Naquele tempo, a favor da República, eu mesmo pegava corajosamente em armas. Agora não tenho valor senão para louvar aqueles que, armados, defendem a república.

Há, porém, outro tipo dessa figura, que na mesma sentença, diz-se, costuma se juntar à palavra anterior, que é contrária.

Isidoro: Aquele, não impulsionado em vão pela estupidez ou pela ira, suportava as duras fadigas, mas por meio da dureza do trabalho, adquiria para si frutos agradáveis de prazer.

Há outro gênero que, do mesmo modo, é contrário ao anterior, mas, por conseguinte, assim como Demétrio de Falero apresentou: Primeiro, os deuses imortais nos deram os cereais, que apenas nós recebemos e distribuimos por todas as terras. Os nossos antepassados deixaram para nós a República e agora nós livramos nossos companheiros da servidão. Portanto, a mais ilustre honra é tida por todos nós, e por causa da dignidade dessa [forma] de honra, encontra-se um vestígio (para nossa soberba).

Rutílio Lupo apresenta a antítese através de quatro exemplos, afirmando que essa pode ocorrer de diferentes formas. No primeiro de Carísio, orador ateniense, contemporâneo de Demóstenes, expõe dois personagens que possuem características contrárias. Desse modo, enquanto um tem o costume de doar, o outro tem o de receber. O primeiro é agradável e requisitado, porém, o segundo é desagradável. Assim, o filósofo descreve a antítese como uma comparação de questões contrárias. Nessa exemplificação, o autor faz uso de conectivos que apresentam uma oposição, como *alter... alter* (um... outro) e *autem* (contudo, mas).

No exemplo de Dinarco, logógrafo e orador ático do século III a.C., opõe diferentes fases da vida pelas quais uma mesma pessoa passa: a velhice e a juventude. As ações que ocorrem em cada época são expostas de forma antagônica, sendo, com isso, evidenciadas no texto. A antítese é apresentada como a oposição de elementos relacionados a uma mesma pessoa. Na construção sintática da frase, o autor utiliza elementos para marcar uma oposição temporal, como os advérbios *olim* e *tunc* (outrora, antigamente), usados para indicar o passado, e *nunc* (agora, neste momento) para se referir ao presente. Ele faz uso também do advérbio *contra* (ao contrário) e da conjunção adversativa *at* (mas, porém) para marcar oposições de ideias.

Com o exemplo de Isidoro²⁰, Rutílio opõe ideias pertencentes à mesma sentença, através da conjunção *sed* (mas): “não impulsionado em vão pela estupidez ou ira..., *mas* por

²⁰ Como não há referências maiores acerca da pessoa nomeada, é difícil precisar de quem se trata. Aventamos a hipótese de ser Isidoro de Cárax, geógrafo, que teria vivido entre fins do século I a.C. e início do século I d.C., escritor, portanto, à época de Augusto, que lhe teria encomendado uma “história do mundo”.

meio da dureza do trabalho...”. Dessa forma, ao ter um difícil trabalho, o indivíduo não era guiado pela estupidez ou ira, mas se esforçava, granjeando, desse modo, bons frutos.

Em sua última exemplificação, de Demétrio de Falero, orador grego do século III a.C.²¹, o autor estabelece uma relação de sequência de tempo onde apresenta diferentes acontecimentos que possuem a mesma importância: 1) os antepassados plantaram a comida, 2) deixaram a República, 3) os contemporâneos libertam os demais. Essas diferentes ações são apresentadas pelo autor em determinada ordem temporal, sendo uma ilustração de como a figura antítese pode ser empregada.

A antítese é incluída por Reboul no grupo das Figuras de construção, que se sobressaem pela repetição. O autor descreve a figura como uma contraposição filosófica de teses ou retórica, definindo-a como a oposição do mesmo. “O mesmo” que essa figura opõe pode ser evidenciado, por exemplo, quando se elabora uma ideia que contrasta palavras idênticas. Ademais, o equilíbrio rítmico também pode auxiliar no destaque desse elemento. Para exemplificar essa proporção, Reboul (2004, p. 128) apresenta o seguinte exemplo: “*Et monté sur le faite il aspire à descendre* (Corneille) / [E subido no cume ele aspira a descer]”, onde afirma que a característica de cada hexâmetro fortalece a oposição.

4.2.5. Parasiopese

Hoc est, cum aliquid nos reticere dicimus, et tamen tacitum intellegitur. Et hoc utendum est, cum aut notam rem esse auditoribus arbitramur, aut suspicionem excitare maiorem retinendo possumus.

Lycurgi: In praesentia, iudices, iniussu populi quae improbissime gesserit, reticebo: de falsis eius litteris, quas ad senatum miserit, nihil dicam; quae illi saepe interminati sitis, omittam. Nam et haec vobis nota sunt, et quae novissime multo indigniora commisit, quam primum cognoscenda.

Hyperidis: Cogis me iniuriae tuae causam proferre. Nihil agis; non dicam. Sed ipsum tempus eam patefaciet. (II, 11)

²¹ Foi considerado com um dos primeiros filósofos peripatéticos, compositor de uma coleção de fábulas, na qual teria se baseado Bábrio, além de discursos escritos à maneira de Demóstenes. Assim como os autores anteriormente utilizados por Rútílio, foi citado por Estrabão como um dos maiores oradores.

Tradução:

Esta figura ocorre quando dizemos silenciar algo, e, no entanto, o silêncio é discernido. E esta deve ser usada ou quando julgamos que o fato é conhecido pelos ouvintes, ou quando, silenciando-o, podemos provocar uma maior desconfiança.

Licurgo: No presente, juízes, reterei as coisas que mais perversamente teria administrado, sem a ordem do povo; nada direi sobre seus falsos registros, os quais teria enviado ao senado. Omitirei as coisas que frequentemente vós lhe tendes proibido. Pois essas coisas são conhecidas por vós, e as que são muito mais indignas ele reuniu mais recentemente, como as que deveriam ser conhecidas por primeiro.

Hipérides: Induzes-me a mostrar a causa da tua injúria. Nada fazes; não direi. Mas o próprio tempo a esclarecerá.

Conforme Rutílio Lupo, a figura Parasiopese, ou Reticência, pode ser utilizada para omitir uma ideia que os ouvintes podem identificar. Ela é empregada quando a informação já é conhecida, ou quando se deseja causar desconfiança, chamar a atenção dos ouvintes.

Em sua exemplificação, o autor apresenta dois exemplos. No primeiro, de Licurgo, legislador espartano²², a figura é empregada para omitir acontecimentos que o locutor supõe que seus ouvintes, os juízes, já conhecem. No segundo, Hipérides, orador ático do século IV a.C.²³, desperta a curiosidade de seu ouvinte, não revelando o motivo de certa calúnia, mas deixando ao encargo do tempo o esclarecimento da verdade.

Em sua descrição a respeito dos efeitos causados pelas figuras de linguagem, Perelman²⁴ apresenta as chamadas Figuras de comunhão, às quais podemos inserir a figura Parasiopese. Essas têm a função de realizar a comunhão, a ligação, com o auditório, tendo desse uma participação ativa. A argumentação é desenvolvida justamente para ser aplicada ao auditório. Com isso, criam-se argumentos que incentivam o auditório a pensar, a refletir e a lembrar de algum elemento que complete o discurso. Tudo isso se realiza através do uso

²² Licurgo teria vivido provavelmente no século VIII a.C. e era comumente citado como aquele que apresentou uma legislação rígida, em que os cidadãos deveriam cumprir uma função social e estatal.

²³ Autor de um estilo simples, os discursos de Hipérides eram indicados como leitura obrigatória para quem quisesse se instruir na retórica.

²⁴ Apud GUIMARÃES, 2004.

retórico da pressuposição, sendo a mensagem apresentada como um elemento que faz parte do saber comum entre o locutor e o ouvinte.

5. Considerações finais

No presente trabalho, observamos as intensas transformações pelas quais a retórica passou ao longo dos tempos. Originária da Sicília grega como uma atribuição judiciária em 465 a.C., a retórica é desenvolvida por Górgias para fins estéticos e literários. Posteriormente, foi associada à sofística pelo mestre Protágoras, para ser, em seguida, separada da mesma por Isócrates. Em determinado momento é desqualificada por Platão, voltando, depois, a ser valorizada por Aristóteles. Muitas foram as mudanças pelas quais passou até chegar ao território romano, como pudemos observar.

Ao chegar em Roma, a retórica foi introduzida na educação mais elevada dos romanos, e alcançou uma elevada posição através do talento de Cícero, considerado seu maior orador em tempos antigos. Nessa época, sua utilização estava relacionada a atribuições políticas e de direito. No decorrer do tempo, quando a sociedade romana passou por grandes transformações, tendo todo o poder nas mãos de uma única pessoa, denominada *princeps*, a oratória começou a se desenvolver mais como uma finalidade estética e superficial. No entanto, o retorno a uma oratória proveitosa para a política foi buscado por Quintiliano, um reconhecido mestre de retórica, que exercia forte influência sobre seus contemporâneos. A retórica continuou a ser reconhecida e utilizada na época do Cristianismo, mas mudando seu foco para discursos de caráter apologético e teológico.

Concluimos que a obra *De figuris sententiarum et elocutionis* (Das Figuras de Pensamento e de Elocução), atribuída a Rutílio Lupo, não é uma simples tradução de uma obra de Górgias de Atenas a respeito das figuras de linguagem. De acordo com o testemunho de Quintiliano, podemos afirmar que, nessa composição, Rutílio apresenta elementos pertencentes à cultura latina, que foram perdidos com o passar do tempo, e que não poderiam ter sido elaborados por Górgias. Sua obra, portanto, não seria formada apenas por dois tomos, mas provavelmente por cinco.

As figuras de linguagem retóricas ou tropos têm um papel persuasivo, sendo utilizadas para auxiliar a argumentação. Desse modo, a beleza que aparentam possuir e os efeitos que causam são empregados com o intuito de persuadir a determinada causa. Caso as figuras não possuíssem tal função, não poderiam ser consideradas como figuras retóricas. Nesse trabalho, selecionamos figuras que são ainda estudadas na modernidade por autores como Reboul e Perelman, justamente para observar as semelhanças e diferenças em relação à descrição que

receberam na antiguidade por Rútílio Lupo. Há figuras que mantiveram seu nome, sendo conhecidas atualmente, como ocorre com a Antítese. Já a figura Parasiopese, por sua vez, passou a ser mais conhecida atualmente como Reticência. Devido ao espaço limitado desta monografia, tomamos apenas algumas figuras como exemplo, o que esperamos que tenha sido satisfatório para revelar a sagacidade de Rútílio, na readequação da retórica em sua época.

Observamos que as figuras analisadas foram descritas de modo semelhante na antiguidade e na modernidade. Embora algumas delas possam ocorrer por mais de uma forma, todas apresentam uma ideia central pela qual subdividem suas aplicações. Em todas as definições, então, podemos distinguir suas funções: a Epanalepse é vinculada à repetição; a Paronomásia, à semelhança sonora; o Caracterismo, à típica descrição; a Antítese, de forma geral, à oposição; e a Parasiopese, à omissão de elementos que pressupomos serem conhecidos.

Por fim, esperamos publicar futuramente resultados desta pesquisa, bem como a tradução completa da obra de *De figuris sententiarum et elocutionis*, intuindo que possa ser de auxílio a futuros trabalhos sobre a retórica.

6. Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas Manuel A. Júnior, Paulo F. Alberto e Abel N. Pena. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2005.
- BELARDI, Walter. Per la storia della nozione di “poliptoto” nell’antichità. **Quaderni Urbinati di Cultura Classica**, no. 2 (1971), p. 123-144.
- BERARDI, Francesco. Il ‘XAPAKTHPIΣMOΣ’ nella tradizione retorica antica. **Rivista di Cultura Classica e Medioevale**, 57, no. 1 (2015), p. 89–118. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43924023>.
- CARDOSO, Maria Lúcia Malheiros. **Poesia e Retórica: um estudo do livro II dos Tristia**. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Brutus e a perfeição oratória**. Tradução e notas de José R. Seabra Filho. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2013.
- D’ANGELO, Rosa Maria. Rutilio Lupo 2, 6: um tormentato esempio di prosopopea. **Museum Helveticum**, vol. 62, no. 3 (sept. 2005), p. 133-144.
- FARIA, A. P. C.; SEABRA, A. Introdução. In: **Retórica a Herênio**. Trad de Ana Paula Celestino; Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3a e. Curitiba: Positivo, 2004.
- FRANCO, Simone Sales Marasco. Da literatura à littera: alguns passos tortos. In: _____. (Org.). **Satyricon: Seria Petrônio qual crítico?** Tese (Doutorado em Letras Clássicas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, p. 15-31.
- GALDI, Marco. Publio Rutilio Lupo. **Enciclopedia Italiana** (1934). Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/publio-rutilio-lupo_%28Enciclopedia-Italiana%29.
- GUIMARÃES, Elisa. Figuras de retórica e argumentação. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3a ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004, p. 145-160.
- KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W. v. (Ed.). **Historia de la literatura clásica**. II. Literatura latina. Madrid: Gredos, 1989, p. 815-816.

KNOX, Peter E. The Poet and the Second Prince: Ovid in the Age of Tiberius. **Memoirs of the American Academy in Rome**, vol. 49, 2004, p. 1–20. Disponível em: [The Poet and the Second Prince: Ovid in the Age of Tiberius on JSTOR](#)

LUPUS, Publius Rutilius. De figuris sententiarum et elocutionis. In: **Antiqui Rhetores Latini**. Parigi: In Incluta Basilea, 1599.

MEYER, Michel. Retórica do sujeito, retórica dos sujeitos, In: MEYER, Michel. **Questões de retórica**. Linguagem, razão e sedução. Trad. António Hall. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 105-134.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In: _____ (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3a ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004, p. 17-54.

PARATORE, Ettore. **A literatura latina**. Trad. Manuel Losa, S. J. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PETERLINI, Ariovaldo. A retórica na tradição latina. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3a ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004, p. 119-144.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

PUBLIO RUTILIO LUPO (scrittore). In: **Wikipedia**. Disponível em: [https://it.wikipedia.org/wiki/Publio_Rutilio_Lupo_\(scrittore\)](https://it.wikipedia.org/wiki/Publio_Rutilio_Lupo_(scrittore)).

PUBLIUS RUTILIUS LUPUS (rhetorician). In: **Wikipedia**. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Publius_Rutilius_Lupus_\(rhetorician\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Publius_Rutilius_Lupus_(rhetorician)).

QUINTILIANO. **Instituição oratória**. Tomo III. Tradução, apresentação e notas: Bruno Fregni Bassetto. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TIBÉRIO. In: **Romano Impero**. Disponível em: <https://www.romanoimpero.com/2009/06/tiberio-14-37-dc.html>